

ENTREVISTA COM AMY ALLEN¹

CPF: A Teoria Crítica é a espinha dorsal do pensamento feminista. Você poderia explicar, em termos gerais, para nossos leitores, o que é a Teoria Crítica Feminista?

Amy Allen: Essa é uma ótima questão. Acho que o termo “Teoria Crítica” pode ser definido de várias maneiras, e uma delas definitivamente inclui o feminismo, mas outras podem não incluir. Nos EUA, falamos em Teoria Crítica tanto em termos de qualquer teoria que faça crítica aos mecanismos sociais vigentes – como o feminismo, a Teoria *Queer*, a Filosofia Crítica da Raça, a Teoria Pós-Colonial... neste sentido, todas essas são consideradas teorias críticas (e são diferentes de, por exemplo, abordagens teóricas mais abstratas ou utópicas que estão interessadas em falar sobre como a sociedade deveria ser, sem olhar para como ela realmente é) – quanto em termos mais tradicionais, que se refere à tradição alemã da Escola de Frankfurt da Teoria Crítica Social. Então, o termo “teoria crítica” tem aplicações mais abrangentes ou mais restritas, e eu acho que as da tradição da Escola de Frankfurt não têm sido tão abertas ao feminismo e às questões de gênero nem, especialmente, às teorias críticas mais recentes, como a Teoria *Queer* e a Teoria Pós-Colonial, quanto talvez deveriam ou pudessem ser.

CPF: Como a Teoria Crítica Feminista dialoga com a Teoria *Queer*? Qual é a relação entre as duas correntes?

AA: Eu acho que, no que diz respeito aos estudos de gênero e aos estudos da mulher nos EUA, o trabalho mais estimulante sendo feito nesse campo atualmente é da Teoria *Queer* e dos estudos da sexualidade. Dentro do, digamos, feminismo como uma abordagem mais ampla da Teoria Crítica, acho que a Teoria *Queer* tem sido uma parte muito importante do desenvolvimento daquele corpo de trabalho e tem sido, como eu disse, o trabalho mais estimulante que vem sendo feito dentro dos estudos da mulher e de gênero nos últimos quinze a vinte anos. Então, eu faria uma distinção entre um tipo de teoria crítica feminista no sentido amplo de que as pessoas que trabalham com feminismo estão desenvolvendo uma crítica das relações de gênero existentes e, neste sentido, estão fazendo teoria crítica, e uma tradição mais específica da teoria crítica social na qual eu fui formada e que não incorporou a Teoria *Queer* tanto quanto deveria.

1 N.R.: Professora de filosofia na Universidade Penn State, nos Estados Unidos. Autora de livros como *The Power of Feminist Theory* (1999) e *The Politics of Ourselves: Power, Autonomy, and Gender in Contemporary Critical Theory* (2008).

Quer dizer, alguém como Judith Butler, que é muito importante do ponto de vista dos estudos de gênero e também uma pensadora fundamental no desenvolvimento da tradição da Teoria Crítica, seria, num sentido mais restrito, um ótimo contraexemplo de alguém cujo trabalho realmente colocou a Teoria *Queer* meio que no centro de tudo. Mas, no que concerne à tradição alemã da Escola de Frankfurt na Teoria Crítica Social, eu acho que não houve tanta assimilação ou reação às reflexões de Butler quanto deveria ter havido. E isso é algo que eu tentei fazer em parte do meu próprio trabalho: simular uma conversa entre as abordagens *queer* e feministas de alguém como Judith Butler e essa tradição mais alemã, da qual fazem parte Adorno, Habermas, Axel Honneth, entre outros.

CPF: As sociedades contemporâneas globalizadas e de capitalismo tardio revelam novas formas de subordinação de gênero que impõem obstáculos inéditos aos movimentos feministas. Como a Teoria Crítica Feminista tem encarado esse cenário plural?

AA: Acho que tudo depende muito do contexto local da situação, quer dizer, nós acabamos de vir, logo antes desta entrevista, do Museu de Arte de São Paulo, onde havia uma manifestação enorme pelo Dia Internacional da Mulher – uma grande manifestação feminista. Obviamente, eu não sei nada sobre a cena política local, e ela é complicada, mas uma coisa que me chamou atenção sobre isso é que seria muito, muito estranho ver esse tipo de manifestação feminista nos Estados Unidos atualmente. Porque eu acho que o, digamos, centro gravitacional do movimento feminista de uma certa maneira vem se deslocando dos Estados Unidos para outras partes do mundo. E eu não tenho certeza do porquê disso. Quer dizer, eu acho que há muita discussão sobre as pessoas falarem que nos Estados Unidos nós vivemos um tipo de “era pós-feminista”, baseando-se no fato de que as coisas pelas quais a Segunda Onda Feminista lutou para conseguir já foram amplamente alcançadas. Então, é como se não houvesse mais nada a ser feito pelo feminismo nos Estados Unidos. O que, acho eu, é completamente inverídico no que se refere à arguição de que todos os objetivos já foram atingidos. Mas essa é a maneira como as pessoas falam sobre o ativismo... sobre a *falta* de ativismo político feminista nos Estados Unidos. Outra coisa que eu mencionei anteriormente é que na Academia norte-americana a Teoria *Queer* tem sido um desdobramento estimulante dos estudos de gênero nas últimas duas décadas. O outro desdobramento estimulante gira em torno do feminismo transnacional, por meio do qual acadêmicos vêm realmente tentando pensar em como pluralizar o conceito de feminismo, para pensar não no feminismo tal como ele se desenvolveu num contexto histórico específico nos Estados Unidos, mas em termos globais, um feminismo que tem diferentes tipos de aspirações, objetivos, energias e tudo o mais.

CPF: Acho que você já respondeu a pergunta que eu faria agora, mas talvez você possa aprofundá-la um pouco. Há coerência em encarar as questões de gênero isoladamente de análises sobre sexualidade, raça, classe e imperialismo pós-colonial? Todo o feminismo hoje é interseccional?

AA: Essa é uma ótima pergunta! Acho que se poderia advogar a favor de que o feminismo, todo ele, deveria ser interseccional. Eu não sei se ele de fato o é. Acho que, em alguns casos (e mais uma vez eu conheço melhor o discurso dos Estados Unidos), tem havido muita conversa sobre interseccionalidade, mas não está claro se as pessoas sempre aceitaram essa ideia em seu próprio trabalho ou não. Acho que isso é bem mais difícil, porque envolve a tentativa de chegar a um entendimento de dinâmicas de opressão interligadas muito complicadas, de diferentes histórias de opressão e de como elas se interrelacionam, e em muitos casos envolve a disposição de questionar verdadeiramente sua própria posição dentro de outros tipos de sistemas de dominação e subordinação. Então, por exemplo, para uma mulher branca, como eu, exige que eu esteja disposta a realmente pensar interseccionalmente. Exige estar disposta a pensar seriamente sobre meu próprio papel na sustentação da supremacia branca, o que é uma coisa difícil de se fazer. Acho que uma das maiores lições dos debates sobre políticas identitárias, como os que se deram no movimento das mulheres e no feminismo acadêmico dos últimos trinta anos, foi a de realmente tentarmos pensar interseccionalmente. Mas isso é bem difícil de se fazer, então não sei se muita gente de fato o faz direito.

CPF: No texto “Emancipação sem utopia: sujeição, modernidade e as exigências normativas da teoria crítica feminista”², você discute como o conceito de “emancipação” está presente no feminismo, incorporado como um valor universal. Em uma passagem, você afirma que “a suposição não problematizada de que a emancipação é fundamental para o feminismo levou feministas a uma cumplicidade com o império”³. A quê, exatamente, se refere essa afirmação?

AA: Eu me referia a alguns dos debates que vem acontecendo com feministas que estão tentando pensar sobre (de novo esta ideia de feminismos, no plural, e de como poderia haver diferentes tipos de valores normativos) um trabalho de diferentes versões do feminismo. Porque eu acho que as feministas norte-americanas consideram óbvio que a emancipação, compreendida através de um modelo, digamos, liberal-ocidental

2 REVISTA NOVOS ESTUDOS. São Paulo: CEPRAP, edição 103, nov. 2015, p. 115. Disponível em: <<http://novosestudos.uol.com.br/v1/contents/view/1609>>.

3 REVISTA NOVOS ESTUDOS. São Paulo: CEPRAP, edição 103, nov. 2015, p. 124. Disponível em: <<http://novosestudos.uol.com.br/v1/contents/view/1609>>.

e especificamente da visão liberal de liberdade, seja o objetivo final do feminismo. É parte das discussões que vêm sendo feitas recentemente por pessoas como a antropóloga feminista Saba Mahmood, que fez um trabalho muito interessante acerca dos movimentos egípcios de política da piedade, realmente colocou esse pressuposto em xeque, e colocou em xeque a que ponto o valor da emancipação, compreendido nos termos desse modelo liberal de liberdade, é, de fato, um valor ocidental específico que outras versões do feminismo ao redor do mundo podem ou não compartilhar. O que também não é afirmar que... Essa é uma questão muito difícil, quer dizer... Você conseguiria imaginar um feminismo cujo objetivo não se pareça com o que o feminismo norte-americano acha que deva ser o objetivo dos movimentos feministas? Cujos objetivos nos parece um tipo de... No caso das pessoas do trabalho que Mahmood fez, parece submissão a uma tradição autoritária religiosa, mas que também é um movimento específico de mulheres. E eu acho que o trabalho de Mahmood tenta testar os limites de nossos princípios sobre o feminismo e sua relação com a emancipação, pensar a que ponto podemos estar julgando-o, se fôssemos julgá-lo, como não sendo feminismo de verdade ou emancipação de verdade. Mas estamos julgando rápido demais e eu estou meio que pressupondo, sob nosso próprio ponto de vista, que os valores que governam nossas (e quando eu digo nossas, quero dizer norte-americanas) compreensões do feminismo podem em si próprios estar associados a este discurso em que supomos que o não ocidental é retrógrado e primitivo e ainda não compreendeu os modelos de valores que nos são tão caros. Eu disse isso no artigo não para necessariamente tentar assumir um dos lados no debate, mas só para tentar dizer que uma das coisas que é complicada a respeito do conceito de emancipação é o modo como esse próprio conceito acabou se engendrando em certos tipos de relações de subordinação, em que é, na verdade, usado em alguns discursos ocidentais feministas como uma maneira de reduzir o que mulheres de outras culturas realmente querem. E eu acho que este é um problema difícil de resolver para o feminismo, pensar a respeito do que estamos lutando se nós formos... você sabe... parte do que estamos fazendo é dizer a mulheres em outras partes do mundo “você não deveria querer o que você quer”. Então, na verdade, esse é um problema muito antigo no feminismo, esse problema que de vez em quando é descrito como falsa consciência ou algo do tipo, e o questionamento de “pelo o que é que nós, como feministas, estamos lutando?”... É por um conjunto específico de valores ou é para que mulheres possam viver o estilo de vida que bem quiserem?